

Conversas de *bastidores*: a correspondência entre Monteiro Lobato e seus leitores infantis¹

Raquel Afonso da Silva

Carta é conversa com um amigo, é um duo – e é nos duos que está o mínimo de mentira humana.

Monteiro Lobato.²

Introdução

Os estudos sobre epistolografia têm obtido importância significativa no âmbito da Teoria Literária, haja vista o número crescente de pesquisas que encontram, na correspondência de autores consagrados, um novo viés para a compreensão da vida e obra de um determinado autor, bem como do período histórico-literário em que este se insere. É raro, porém, que cartas de “pessoas comuns” sejam tomadas como objeto de estudo.

Trataremos justamente deste tipo de correspondência neste artigo, ressaltando, porém, que embora seus remetentes sejam anônimos, as cartas sobre as quais nos debruçaremos são destinadas a um escritor ilustre: Monteiro Lobato (1882-1948). O interesse de um novo estudo destas cartas provém da possibilidade de, por meio delas, nos aproximarmos de aspectos, ainda hoje pouco conhecidos, relativos à recepção da literatura infantil lobatiana pelo público leitor infantil, eventual porta de entrada para reflexões mais gerais sobre condições de leitura (e de escrita) no Brasil de Lobato.

A correspondência estudada é constituída por 246 cartas de leitores infantis, escritas no período de 1932 a 1946.³ Estas cartas encontram-se arquivadas no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB)/USP e fazem parte do *Arquivo Raul de Andrada e Silva*

¹ A autora do artigo, Raquel Afonso da Silva, é doutoranda na área de Teoria e História Literária, no Instituto de Estudos de Linguagem (IEL)/ Unicamp. O projeto de doutorado, intitulado *Entre leitores e leituras: um estudo de cartas de leitores*, em desenvolvimento, conta com o apoio financeiro da Fapesp e é orientado pela Profa. Dra. Marisa Lajolo.

² LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*, 1º tomo, p.17.

³ Ver tabela, em anexo, na qual constam nome do remetente, data, local, idade, série escolar, de cada carta do acervo.

que, dentre outros documentos, contém o *Dossiê Monteiro Lobato*.⁴ É neste dossiê que estão agrupadas as cartas dos leitores-crianças que, motivados pela leitura dos livros onde reina o *Sítio do Picapau Amarelo*, “aventuraram-se” a escrever para o autor.

Este acervo epistolar já foi objeto de, pelo menos, duas pesquisas de fôlego: a de doutorado de Eliane Debus, que resultou no volume *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*.⁵, e a de mestrado de Marco Antônio Branco Edreira, intitulada *À caça do sentido – Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infante-juvenis (1926 – 1946)*.⁶

O trabalho de Debus se propõe a investigar o papel desempenhado por Monteiro Lobato na formação de leitores, em especial, daqueles que tiveram sua infância nas décadas de 20, 30 e 40. Para tal, a pesquisadora foi à procura de remetentes das cartas que se encontram no acervo do IEB e recolheu depoimentos deles, rememorando impressões dos livros de Lobato lidos na infância; comparou, então, estas “memórias de leitura” a aspectos da leitura da infância, observados a partir dos comentários presentes nas cartas.

A pesquisa de Edreira objetiva investigar práticas de leitura dos leitores infantis de Lobato, utilizando, como objeto central de análise, as cartas das crianças pertencentes ao acervo do IEB. O objetivo central do estudo é comparar os “protocolos de leitura”, estipulados por autor e editor nos livros infantis lobatianos, com a leitura efetivada pelos leitores “reais”.

O acervo de cartas do IEB permite-nos perceber que a correspondência das crianças é motivada pela leitura dos livros infantis de Lobato. Dessa forma, os assuntos tratados, ainda que diversos, voltam-se inteiramente para a obra do autor – os leitores referem os livros lidos e fazem observações sobre as histórias. São frequentes nas cartas comentários que ressaltam o aspecto cômico das histórias, sublinhando a faceta do entretenimento dos livros, ao mesmo tempo em que diversos leitores enfatizam a aprendizagem que a leitura dos livros lhes proporciona. Para algumas crianças,

⁴ Os documentos desse dossiê foram entregues pelo próprio Lobato a Marina de Andrada Procópio de Carvalho, sobrinha de Raul de Andrada e Silva, e, posteriormente, doados ao IEB por Guy R. de Andrada, também sobrinho do titular do arquivo.

⁵ DEBUS, Eliane S. D. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí/Florianópolis: Editora Univali e Editora UFSC, 2004. v. 01. 264 p.

⁶ EDREIRA, Marco Antônio Branco. *À caça do sentido – Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infante-juvenis. (1926 – 1946)*. USP, 2003. (dissertação de mestrado) mimeo.

inclusive, a excelência dos livros de Lobato encontra-se justamente na propriedade das histórias de aliar o lazer ao aprendizado.

Também comuns nas cartas são os comentários sobre as personagens. Alguns leitores chegam mesmo a destinar a missiva às próprias personagens, utilizando-as, assim, como elo de comunicação com o autor.

Outro aspecto importante a se mencionar é que diversas cartas estão vinculadas à instituição escolar, apresentando pedidos de livros e retratos do escritor para Bibliotecas e Clubes de Leitura, o que mostra a Escola como um importante lugar de circulação e leitura dos livros de Lobato.

O estilo de que se utilizam as crianças ao se corresponderem com Lobato, é marcado pelas relações remetente/destinatário, leitor/escritor, além de outras circunstâncias presentes nesta troca de cartas, como a motivação ou propósito da correspondência.

Tendo em vista tais aspectos, como estratégia de análise, agrupamos as cartas em categorias, as quais se justificam pela similitude das “práticas de correspondência” que ilustram, permeando o diálogo entre autor e leitor. A eleição de tais categorias intenta dar ênfase a esta dupla situação de leitura que a correspondência documenta – a leitura “institucional” e a leitura “doméstica” – aspecto que, por sua vez, parece se refletir em diferentes níveis de composição das cartas. As categorias foram, pois, intituladas **Carta Pessoal** e **Carta Escolar**.

O primeiro grupo é constituído pelas cartas daqueles leitores que mantiveram um diálogo “mais próximo” com Lobato e que, em sua maioria, enviaram mais de uma carta ao escritor, mantendo, de fato, *correspondência* com ele. O segundo grupo abarca as cartas cuja matéria está centrada na escola e que teriam sido produzidas, hipoteticamente, *a partir* da instituição escolar.

Apresentaremos, a seguir, algumas reflexões sobre esta correspondência, abordando-a a partir das categorias esboçadas acima.

CARTA PESSOAL

Quando comecei a escrever-lhe, tinha dez anos e nunca o meu admirado escritor me deixou sem resposta, tendo cinco cartas suas que

são verdadeiros tesouros para mim. (IEB/USP, C1P2C26, 29/05/1942).⁷

O trecho acima transcrito realça a atitude de Lobato de satisfazer as expectativas de seu público leitor, respondendo as cartinhas que lhe enviavam, o que desperta, por vezes, a admiração das crianças: “Eu me admiro como você tem tempo de responder todas as cartinhas” (IEB/USP, C1P2C50, 08/09/1943), diz João Alphonsus em sua carta, admiração que também se delineia na carta de José Alberto.

O fato de ter minha irmãzinha Lúcia Amélia recebido resposta de certa carta, que lhe escreveu, causou-me grande satisfação por verificar que o senhor é verdadeiramente o amigo das crianças, como demonstra nos livros. (IEB/USP, C2P1C17, 17/08/1942).

A resposta amistosa de Lobato incentivava as crianças a continuarem lhe escrevendo, o que originou uma troca freqüente de cartas entre o escritor e alguns leitores. 181 cartas do acervo se incluíam entre as “cartas pessoais”, as quais foram escritas por 102 remetentes, ou seja, diversos leitores escreveram mais de uma carta a Lobato.⁸ Ainda que algumas destas cartas tratem de assuntos “particulares” dos remetentes – como as férias passadas no sítio da família (C1P1C1), os treinos de boxe no clube infantil (C1P1C6), ou as boas notas obtidas nas provas de fim de ano (C1P3C8) – percebemos aspectos recorrentes na maioria delas, os quais fornecem indícios para a compreensão desta “prática de correspondência” tão singular entre um escritor e seu público leitor. É destes aspectos que nos ocuparemos a partir de agora.

Dentro do diálogo que se estabelece entre o autor e seu público, os livros se destacam como assunto corrente, fruto da necessidade das crianças de se identificarem enquanto leitores de Lobato, referindo os livros lidos, comentando as histórias, dizendo de seu agrado pela literatura do autor. É o que se nota, por exemplo, nas cartas de Márcio e José Carlos, que se dizem conhecedores e admiradores dos livros de Lobato e enumeram as obras lidas:

Conheço quase todos os livros que o Sr. escreve.
Já li A chave do Tamanho, A Pena de Papagaio, a Aritmética da Emília, a Emília no país da Gramática e outros.
Gostei de todos os que o sr. escreve. (IEB/USP, C1P2C47, 10/06/?).

⁷ A numeração referida nas citações é relativa à catalogação das cartas no arquivo Raul de Andrada e Silva do IEB, relacionando-se à caixa, pasta e número da carta, respectivamente. A ortografia original das cartas foi mantida nas transcrições que se seguem.

⁸ Tal aspecto pode ser visto mais claramente na tabela em anexo.

Possuo na minha biblioteca os seguintes livros de vossa autoria: D. Quixote para as crianças; Saci; Emília no país da Gramática; Aritmética da Emília; Viagem ao Céu e Fábulas. (IEB/USP, C2P2C19, 31/01/1945).

Alguns leitores incluem, entre as obras que mencionam, algumas traduzidas por Lobato, revelando uma imagem deste não somente como escritor, mas também como tradutor/adaptador. A leitora Myralda refere-se a livros escritos e livros traduzidos por Lobato, porém cita-os separadamente:

Eu já li todos estes livros. Aliás, li e tenho estes livros – “Reinações de Narizinho – Viagem ao Céu – O Saci – Emília no País da Gramática – Robinson Cruzoe – Peter Pan – D. Quixote das crianças – Serões de Dona Benta – O Minotauro.”

As traduções do senhor que eu tenho são:

“Alice no País das Maravilhas – Contos de Andersen – Contos de Grimm – Novos Contos de Grimm – Aventuras do Barão de Münchhausen – Pinocchio – Contos de Fadas. (IEB/USP, C2P2C14, 08/01/1946).

A referência às traduções de Lobato deixa transparecer o enorme carisma do escritor entre o público infantil, que se lançava à leitura de toda obra que trouxesse a assinatura do autor, como expressa a menina Myralda em sua carta: “Eu tenho colecionado tudo que me vem as mãos e que traz o nome de Monteiro Lobato! Leio e releio tudo.” (IEB/USP, C2P2C9, 30/09/1945).

Há mesmo, em algumas cartas, o pedido de que Lobato traduza alguma obra de interesse do leitor. A leitora Solena, por exemplo, em sua primeira missiva, pede informações a Lobato sobre o livro de Marco Polo, afirmando, na segunda carta, que esperará pela tradução do autor. Note-se que o interesse da menina pelo livro foi despertado a partir da leitura de uma obra de Lobato, *História do Mundo para Crianças*, conforme a garota explicita:

Tendo lido seu interessantíssimo livro “História do Mundo para Crianças” e num dos capítulos o Sr. referindo-se a Marco Polo fala dum livro por este escrito, (Viagens de Marco Polo) que promete a Narizinho traduzi-lo (IEB/USP, C1P1C22, 04/09/1934).

Outra leitora, Jeannette, também pede para que Lobato traduza *Viagens de Marco Polo*, tendo se interessando pelo livro do mesmo modo que Solena:

Estou lendo “Historia do Mundo para Crianças”. Esse livro está me interessando muito, mas o capítulo que mais gostei foi “Marco Polo”,

justamente quando a “Emília” disse que ia pedir ao senhor para traduzir o livro “Viagens de Marco Polo”. Por isso escrevo-lhe renovando o pedido da “Emília”, isto é, que o sr. traduza o livro em que Marco Polo conta as suas viagens. (IEB/USP, C2P2C31, s/d).

As cartas dessas leitoras são expressivas da forte intertextualidade presente na obra infantil de Lobato, cuja maior evidência são os livros “recontados” por Dona Benta (*Dom Quixote das Crianças, Hans Staden - , Peter Pan...*). Pelos comentários de Solena e Jeannette, vê-se que esta intertextualidade proporciona uma abertura, um contato inicial com outras obras, o que incita o interesse e a curiosidade das crianças por essas outras leituras.

Também marcantes, nessas “cartas pessoais”, são os comentários freqüentes sobre as personagens: os leitores citam as personagens, caracterizam-nas, falam de suas preferências:

Não há livros que me divirtam mais que os seus:
Emília com suas asneiras, Narizinho com suas perguntas, Pedrinho com suas valentias, tia Nastácia com seus quitutes, D. Benta com suas maravilhosas histórias, o Visconde com sua sabedoria, o marquês com sua gulodice e finalmente o rinoceronte com sua mansidão. (...) Não diga nada a ninguém, mas eu gosto mais do Visconde, ele é o mais camarada. (IEB/USP, C1P1C7, 28-4-1934).

Observando os comentários que as crianças fazem do “pessoalzinho do *sítio*”, salienta-se que algumas personagens desfrutavam de imagens recorrentes entre os leitores. Tal é o caso, por exemplo, de Emília, personagem mais comentada entre os leitores e apontada, de forma quase unânime, como “asneirenta”, traquinas e engraçada:

(...) Emília é a mais engraçada de todos e eu não gosto de livro que não tenha a Emília. (IEB/USP, C1P2C3, s/d, grifo nosso).

Emília, a sapeca da Emília, gostou de minhas modificações? Ótimo! (IEB/USP, C1P2C30, s/d, grifo nosso).

Havíamos de conversar (...) sobre as asneiras tão engraçadas da Emília. (IEB/USP, C1P2C48, 23/06/1942, grifo nosso).

Acho tanta graça da Emília que quando estou lendo dou boas risadas. (IEB/USP, C1P3C27, 22/02/1945, grifo nosso).

Mas a Emília é interessante em? Oh! Se eu pudesse morar com a Emília! Queria rir o dia inteirinho! (IEB/USP, C2P2C12, 04/12/1945, grifo nosso).

Assim, para a maioria dos leitores, humor e traquinagem são as características distintivas da boneca, e os correspondentes pedem, inclusive, que o autor reforce essas peculiaridades em livros próximos:

Mando pedir para o senhor publicar um livro mas que Emilia diga bastantes asneiras engraçadas. (IEB/USP, C2P1C13, 17/09/1941).

Escrevo-lhe esta carta para fazer-lhe um pedido.
Este pedido é para fazer-me um livro, [se você puder], só da Emilia bem com a torneirinha de asneiras aberta até o último ponto. (IEB/USP, C2P1C41, 12/04/1945).

A presença das personagens nas cartas infantis não se restringe, contudo, a comentários como os acima expostos; muitos leitores utilizam a missiva para transmitir recados às personagens. O Lobato-destinatário transforma-se, aos olhos destes leitores, em uma ponte para o universo do *Sítio do Picapau Amarelo*:

Diga a Pedrinho que gosto também dos arabes, e tambem à Narizinho que não se importe com que eles faziam com as mulheres e que os perdõe.

(...) diga à Emília que não vá brigar com Tia Nastacia, é conselho meu, ouviu? (IEB/USP, C1P1C7, Gilson, 28/04/1934).

Diga a Emília que se ela mandar o retrato dela eu mando o meu para ela. Desta vez mando um desenho do sonho que contei.

O senhor da a ela? (IEB/USP, C1P3C14, 03/10/1944, grifos nossos).

(...) Eu queria que o senhor pedisse a Pedrinho para ele me mandar um bodoque de guatambú, pois aqui onde eu moro não há vara boa para fazer um.

(...)

Diga a Emilia que me mande uma das cerdas do javali de Erimanto que é para a mamãe fazer tricot. (IEB/USP, C1P3C20, 27/08/1945, grifos nossos).

Mas, o inverso desta relação leitor-autor-personagem também ocorre. Muitas cartas têm como destinatárias as próprias personagens e é a elas que os leitores pedem que transmitam recados a Lobato. Nota-se isso na carta da leitora Maria Luiza, destinada à “Illma. Sra. D. Benta Encerrabodes de Oliveira e Família.” (IEB/USP, C1P2C9, s/d).

Illma Sra.

Dna Benta Encerrabodes de Oliveira e família. Como vão todos aí?

Como vai a Emília Balaqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado; Tia Nastácia, a dona de todos os “credos” e “fazedora” dos mais gostosos bolinhos; Quindim,

o inteligente paquiderme africano; Rabico, o engole espadas (digo espadas de cascas de abóbora) e a senhora que me parece um tanto assustadiça?

Diga a esse amiguinhos meus (menos a Emília) que quando eu puder irei ajuda-los a “aventurar”. (Aventurar, termo que emprego quando quero dizer – fazer aventuras)

Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta a sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.

Maria Luiza

3 palavras dedicadas a Emília em deutsch.

-du- bist- dumm –
von

Maria Luiza

Maria Luiza dirige-se a Dona Benta na qualidade desta de matriarca do *Sítio* e, deste modo, interroga-a sobre toda a “família”: “Como vão todos aí? Como vai Emília balanqueira; Narizinho, a sonhadora; Pedrinho, o aventureiro; Visconde, o sábio embolorado...” (IEB/USP, C1P2C9, s/d). Envia, depois, o recado às personagens de que logo irá ao *Sítio* ajuda-los a “aventurar”.

Mas não é somente às personagens que Maria Luiza destina recados – a garota pede também que Dona Benta transmita um pedido de desculpas a Lobato: “Diga ao meu amigo Monteiro Lobato, se ele for aí, que me desculpe a tardança da resposta à sua carta. Pois não tive coragem de pedir-lhe desculpas diretamente na carta que lhe escrevi.” (IEB/USP, C1P2C9, s/d). A carta torna-se, assim, passaporte para o cruzamento realidade/fantasia: através dela, leitor e escritor – figuras históricas – cruzam os limites do real ao interagirem com as personagens e, reciprocamente, estas ganham historicidade ao se tornarem destinatárias de cartas e portadoras de recados.

Podemos pensar que essa crença na historicidade das personagens faz parte do pacto leitor/autor, integrando, pois, o elenco de estratégias de construção da identidade do leitor que, como tal, mantém, nas cartas ao autor, a mesma relação proximidade/afastamento que mantém com o que lê.

Mas, não é somente ao enredo e às personagens que as crianças atribuem importância; algumas atentam para o aspecto material do livro, fazendo comentários acerca dos ilustradores:

Para uma coisa eu quero lhe chamar a atenção: há um desenhista chamado Rodolfo que faz verdadeiros aleijões. Ele faz Dona Benta feia, Tia Nastácia toda desajeitada, O Visconde nem parece o

Visconde, Emília uma coisa horrorosa, Pedrinho e Narizinho nem se fala.
Eu gosto de outro desenhista chamado Belmonte que faz desenhos muito bonitos.(IEB/USP, C1P3C22, 19/02/1945).

Gostei muito das ilustrações de Belmonte (já as conhecia da Gazeta infantil) e acho que o senhor deve dar todos os livros para ele ilustrar.
(IEB/USP,C1P3C48, s/d)

E por falar nisso , por onde anda o Belmonte? Os desenhos do J. U. Campos são melhores. A Emília do Campos é graciosa!
A Emília é muito bem desenhada!
Pedrinho é ótimo! D. Benta idem! O J. U. Campos é um bom desenhista, mas... o Belmonte não fica atrás, não! O Belmonte é uma espécie de caricaturista, como na “Arimética da Emília” e “Emília no País da Gramática”, que são bons desenhos. Eis a minha impressão dos desenhistas. (IEB/USP, C1P3C10, 07/03/1944).

O aspecto gráfico dos livros de Lobato é uma das renovações empreendidas pelo autor em sua literatura infantil. Os livros para crianças ganharam capas coloridas, desenhadas, além de ilustrações no corpo do texto, para torná-los mais atraentes ao seu público. As cartas dos leitores, então, permitem, ao pesquisador de leitura, perceber que elementos extra-textuais efetivamente interferem na leitura e, mesmo, no consumo dos livros, demonstrando que Lobato acertara ao apostar na materialidade do suporte do texto como estratégia para atingir o público.

CARTA ESCOLAR

Prezado Senhor.
Sou aluno do ginásio “S. Paulo” e porta voz de meus colegas, todos admiradores do senhor desde pequeninos, desde os tempos em que líamos o “Narizinho Arrebitado” até agora que já lemos “Urupês”.(IEB/USP, C2P2C24, 19/05/1945).

Este breve trecho de uma das cartas, que aqui estamos considerando *escolares*, permite-nos perceber um aspecto essencial que perpassa todas as missivas – em número de 65 – agrupadas nesta categoria: o remetente não escreve somente como um leitor de Lobato, mas assume, desde a primeira linha da correspondência, a *persona* do estudante, pertencente a uma determinada instituição escolar e que se dirige ao autor a partir desta, com objetivos restritos à esfera da instituição. Em algumas cartas, a menção à escola é anterior à própria saudação da carta e esta é, por vezes, escrita em papel com o timbre da escola:

(Impresso):

Escola Técnica Secundária Orsina da Fonseca
Distrito Federal, 4 de maio de 1935
Sr. Monteiro Lobato
Saudações. (IEB/USP, C1P2C7, 04/05/1935).

Grupo Escolar
Marechal Deodoro
Rua dos Italianos
São Paulo
S. Paulo, 24 de agosto de 1935.
Ilmo. Sr. Monteiro Lobato. (IEB/USP, C1P1C29, 24/08/1935).

(Carimbo):
Grupo Escolar de
Nova Granada
Dr. Monteiro Lobato. (IEB/USP, C2P2C32, s/d).

Outro aspecto observado na maioria das cartas deste tipo é que os correspondentes não escrevem em seu próprio nome: a carta é escrita em nome da escola ou da turma escolar a que o aluno pertence. O remetente opta, em diversas missivas, pela 1ª pessoa do plural ou pela 3ª pessoa ao se dirigir a Lobato, fato que confere certa isenção ao discurso, visto que este não expressa opiniões e intenções unicamente de quem o escreve, mas sim de uma coletividade:

Uberaba, 19 de julho de 1944

Ilmo Sr. Monteiro Lobato,
Saudações

Sendo o sr. um escritor muito apreciado pelas crianças, os alunos do 4º ano do grupo escolar “Minas Gerais” tiveram a iniciativa de fundar um clube ao qual deram o nome de Clube de Leitura “Monteiro Lobato”. A inauguração será no dia 28 deste mês.

Como não o conhecemos pessoalmente esperamos que o sr. nos dê a grande honra de nos enviar o seu retrato e o autógrafo.

Sem mais, aqui fica sempre às ordens o crdo. obrg^{do}

Alvaro Machado de Azevedo

(pelo 4º ano) (IEB/USP, C2P1C31).

A menção ao grupo escolar, bem como a voz “coletiva” do discurso, apontam para o teor formal destas cartas. Há ainda outros aspectos que atestam esta formalidade, como o fato de que quase não se encontram registros de gírias, nem mesmo de uma linguagem mais coloquial e próxima à oralidade, traços, por sua vez, bastante presentes nas “cartas pessoais”. O contexto escolar certamente inibia o uso de uma linguagem mais coloquial pelos alunos, visto que essas cartas, possivelmente, passavam pelo crivo do(a) professor(a) antes seguir seu destino. Partindo desta hipótese, não era Lobato o

destinatário primeiro das cartas produzidas na escola, mas sim o(a) professor(a) da classe.

Assim como a formalidade está expressa na linguagem das cartas, notamo-la também na escolha temática que, tolhida pelo contexto de produção, restringe-se a questões escolares. Os principais assuntos presentes nestas cartas são: **agradecimento de visita escolar; clubes de leitura; bibliotecas escolares.**

Nas cartas que tratam do primeiro tema, as crianças agradecem a visita do autor à escola, a qual teria se realizado em companhia de Anísio Teixeira, pedagogo vinculado à Escola Nova e que desempenhava, então, o cargo de diretor de Instrução Pública do Distrito Federal. Nas cartas, os alunos tecem, invariavelmente, elogios ao autor, demonstram gratidão pela coleção de livros *Terramarear* doada por Lobato e, por vezes, cobram retratos que ele prometera enviar à biblioteca da escola.

Essas cartas, em número de 15, foram escritas em datas próximas – 29, 30, 31 de agosto e 1º de setembro de 1934 – e remetidas de uma mesma escola no Rio de Janeiro – a “1ª Escola Experimental Bárbara Otoni”. A coincidência de data e local, bem como o formato (mesmo tipo de papel, desenhos das personagens no alto da página) e o conteúdo dessas cartas, inclusive das não datadas, fazem-nos pensar na possibilidade de terem sido produzidas como atividade pedagógica, não por motivação direta das crianças. Corroborar essa hipótese o fato de que não há registros, no acervo, de outras cartas desses remetentes, levando-nos a crer que eles não mantiveram uma efetiva correspondência com Lobato.

Pode-se, através das cartas, tentar a reconstituição do que eram as visitas do autor à escola. Alguns remetentes referem palestra dada pelo escritor e cobram livros que ele teria prometido escrever:

(desenho da Emília e do Visconde)

Sr. Monteiro Lobato

Agradecemos muitíssimo a visita que nos fez, deixando-nos alegres e satisfeitos. Ficámos muito entusiasmados pelo livro que nos prometeu: Quindim no paiz da Matemática.

(...)

Agradecemos os livros da coleção *Terramarear*, com que nos presenteou.

Muito grata fica a aluna da 1ª experimental

Luiza Angelica de Noronha

5º ano. (IEB/USP, C1P1C55).

(desenho da Emília no início da página)

Rio – 29-8-934

Escritor Monteiro Lobato

Envio-lhe esta simples cartinha para agradecer a visita à nossa escola.

(...)

O senhor já escreveu os livros : Quindim no Paiz da Matematica e Emilia no Paiz da Historia do Brasil conforme nos prometeu?

Esperamos a sua visita aqui na escola, muito breve.

Com muito respeito despede-se o seu admirador

Murillo (IEB/USP,C1P1C16, grifo nosso).

Lobato cumpre sua promessa e, em 1935, publica *Aritmética da Emília*. Houve, como é perceptível, uma mudança no título inicialmente anunciado pelo escritor e, novamente, Emília sobressai-se entre as demais personagens, assim como sucedera em *Emília no País da Gramática*. Talvez tal mudança tenha sido sugerida pelos próprios leitores, animados com as peraltices feitas pela boneca no *País da Gramática*. Lobato menciona, em uma carta a Oliveira Viana, um episódio significativo que sustenta essa hipótese, além de sublinhar o entusiasmo dos leitores pela obra paradigmática do autor:

A minha Emília está realmente um sucesso entre as crianças e os professores. Basta dizer que tirei uma edição inicial de 20.000 e o Octales está com medo que não agüente o resto do ano. Só aí no Rio, 4.000 vendidas num mês. Mas a crítica de fato não percebeu a significação da obra. Vale como significação de que há caminhos novos para o ensino de matérias abstratas. Numa escola que visitei a criança me rodeou com grandes festas e me pediram “Faça a Emília do país da Aritmética”. Esse pedido espontâneo, esse grito d’alma da criança não está indicando um caminho? O livro como o temos tortura as pobres crianças – e no entanto poderia divertí-las, como a gramática da Emília o está fazendo. Todos os livros podiam tornar-se uma pândega, uma farra infantil. A química, a física, a biologia, a geografia prestam-se imensamente porque lidam com coisas concretas. O mais difícil era a gramática e é a aritmética. Fiz a primeira e vou tentar a Segunda. O resto fica canja”. (NUNES, Cassiano. (org.). Monteiro Lobato vivo, p. 96, grifo nosso).

O segundo tema constante nas cartas diz respeito a “clubes de leitura”. Tais clubes foram implementados a partir das mudanças implantadas na educação pelos escolanovistas. Para melhor compreender alguns aspectos destas cartas que os

mencionam, é necessário sondar as práticas fundamentais neles realizadas, práticas que, dentre outras, parecem incluir a correspondência.

Ao menos no Rio de Janeiro, a constituição dos clubes de leitura era um “complemento” às atividades escolares de leitura sugeridas pelo *Programa de Linguagem*.

Na Escola Primária do Instituto de Educação do Distrito Federal, em 1932, foi criado o primeiro clube de leitura. Dirigido por alunos e alunas de quarto e quinto anos, o clube promovia encontros mensais para conferências, resumos e recitações. Parte do material era cedido pela Biblioteca Infantil. Completava o trabalho desenvolvido na biblioteca infantil, ocupando-se de leituras de estudo. Em 1933, o Distrito Federal possuía 98 clubes de leitura.”(VIDAL, Diana Golçalves. “Práticas de Leitura na escola brasileira dos anos 1929 e 1930”. p.107)

A prática destes clubes parece ter se difundido em escolas de outras regiões do Brasil, como o Estado de Minas Gerais, por exemplo. Várias cartas do acervo, referem-se a clubes de leitura, criados em cidades mineiras como Belo Horizonte, Uberlândia, Uberaba, Piumhy, Juiz de Fora, etc.

O conteúdo da correspondência das crianças para Lobato permite-nos, ainda, conhecer alguns aspectos do funcionamento desses clubes.

Nota-se, em primeiro lugar, que uma certa burocracia determinava a realização das atividades: diversas cartas mencionam “festas de inauguração”, para as quais Lobato é, por vezes, convidado; além disso, há uma hierarquia na administração do clube, para a qual são eleitos presidente, vice-presidente, secretário e tesoureiro.

Piumhy, Minas, 17 de maio de 1937

Exm. Snr. Monteiro Lobato

Nós, os alunos do 3º ano da classe da professora Fulgencina Maia, deste estabelecimento, temos o grande prazer de comunicar que foi V. Exc. escolhido para patrono do nosso Cub de leitura. É uma singela, mas justa homenagem, pois, sabemos que V. Exc. vem sendo o melhor escritor para a infância, assim, cooperando grandemente para formar a mentalidade futura e para o progresso de nossa Pátria. Já somos conhecedores dos livros de V. Exc. e estes muito nos deliciam e encantam.

Servimo-nos da oportunidade para apresentar a V. Exc. os nossos protestos de elevada estima e

Respeitosas saudações
Rubey Wanderley de Lima, presidente
Severino Camarano, vice-presidente
Ivone Marques, 1ª secretária
Sofia Agresta, 2ª secretária

Carmem Soares Baptista, bibliotecária
Jairo de Freitas Leito, tesoureiro. (IEB/USP – C1P2C21).

Além desta diretoria composta por alunos, algumas cartas informam-nos que o clube de leitura é supervisionado pela professora da turma que, comumente, é mencionada nas cartas.

Além dos clubes de leitura, diversas bibliotecas foram instituídas nas escolas, assunto que também perpassa as cartas escolares: inúmeras delas mencionam a fundação de bibliotecas, das quais várias recebem o nome “Monteiro Lobato” em homenagem ao “querido amigo das crianças brasileiras”. (IEB/USP, C2P1C24, Natalina Casarin, 17/07/1943). Nestas cartas, geralmente os alunos pedem livros do escritor para a biblioteca e também retratos que, colocados no ambiente das bibliotecas, lembrariam o patrono destas.

Ilm. Sr. Monteiro Lobato:

(...)

No grupo Escolar “Joaquim Távora”, em Niterói, onde eu estudo, existe uma biblioteca escolar. No momento está sofrendo uma grande remodelação, pois, vai ser ampliada e mesmo mobiliada de acordo com as nossas necessidades e com exigências da orientação moderna. Excusado é dizer que vossas obras foram todas adquiridas, por nós e com o máximo entusiasmo. Falta-nos porém para completar o nosso desejo uma fotografia vossa. Ela nos trará uma grande satisfação e honra, pois, todos nós aqui vos estimamos e reconhecemos em vós o maior amigo das crianças. Pensamos então em um meio de conseguirmos o que desejamos e resolvemos vos escrever. Peço-vos que mandeis com a maior brevidade possível e tereis causado uma satisfação imensa aos vossos amiguinhos e admiradores do Grupo Escolar “Joaquim Távora” em nome dos quais vos escreve a aluna da 5ª série

Kermita

Nossa direção é a seguinte:

Grupo Escolar “Joaquim Távora”:

Parque Perfeito Ferráz

Icarai – Niteroi

Estado do Rio” (IEB/USP, C1P3C46).

Lobato atende ao pedido da aluna e envia a fotografia pedida, a qual a garota agradece em outra carta ao autor:

Grupo Escolar “Joaquim Távora”

Niterói, 1 de Agosto de 1936

Illmo. Sr. Monteiro Lobato:

Recebi vossa delicada carta datada de 22 de julho de 1936, acompanhada de um ótimo retrato vosso, que já, hoje, está no quadro para ser colocado na nossa sala de leitura. Certamente não é preciso dizer da nossa alegria pela vossa delicadeza e bondade, satisfazendo ao nosso pedido.

(...)

De acordo com uma decisão geral em vez de pregado na parede, o vosso retrato, irá para uma das mesas da nossa Biblioteca. Isto tem por fim fazer-vos lembrado daqueles que freqüentarem a biblioteca, como um dos maiores amigos das crianças do Brasil. E, se algum dia vierdes a Niterói, não sendo muito sacrifício, esperamos que nos faça uma visita, afim de que possamos agradecer-vos pessoalmente, com tantos abraços, quantos forem os alunos do Grupo Escolar “Joaquim Tavora”
Até lá fica a vossa admiradora obrigada
Kermita Bruno Almeida
Aluna da 5ª série.” (IEB/USP, C1P1C48).

Conclusão

Esta sucinta apresentação da correspondência destes leitores de Lobato permite-nos perceber que, embora seguindo rumos distintos, tanto as “cartas pessoais” quanto as “cartas escolares” são fontes preciosas para a compreensão da recepção da obra infantil de Lobato, sob o prisma de seus jovens leitores.

E poderíamos mesmo arriscar que estas cartas influenciaram a produção infantil lobatiana, pois que o *feedback* dos leitores propicia a Lobato uma perspectiva através da qual *lê sua própria obra*, além do que, esse profícuo diálogo entre autor e leitor permite ao escritor revestir seus “leitores hipotéticos” de traços reais e, desta forma, produzir uma literatura mais afeita aos gostos e necessidades das crianças brasileiras de seu tempo.

Em algumas obras infantis de Lobato, é patente a influência da correspondência entre o autor e seu público leitor. É o caso de *O Picapau Amarelo* (1939), em que é narrada a visita de crianças ao *sítio*; os leitores que participam da aventura – extensamente nomeados na história – não são fictícios, mas crianças reais, quase todas correspondentes de Lobato⁹.

Também em *A Reforma da Natureza* (1941) uma correspondente de Lobato, a “Rã”, teve importante participação no enredo, realizando, juntamente com Emília, reformas na natureza. O aspecto mais surpreendente é que, nas cartas que escreveu a Lobato, Rã apresenta algumas idéias para *reformular* a natureza, as quais coincidem com

⁹ Das crianças “aventureiras” que visitaram o *Sítio*, pudemos localizar, no acervo do IEB, cartas de Maria de Lourdes, Marina Piza, Maria Luiza, Tagea Björnberg de Coqueiros, Raimundo de Araújo, Sara Viegas, Edite Canto, Gilberte Hime, Ayrton, Flávio Morretes, Lucília de Carvalho, Gilson, Lêda Maciel, Maria Vitória, Nice Viegas, dos Borgesinhos (Carta de Marila em nome dela e dos irmãos) e de David Appleby.

o que a menina “prática” na ficção. Tal é o caso das modificações de Quindim e Rabicó, mencionadas em uma das cartas:

(...) podemos modificar também o descarado do Rabicó. No focinho êle levará um certo aparelho de minha invenção, um pouco parecido com uma ratoeira que lhe dará um “liscabão” daqueles, toda vez que êle fôr fossar minhocas ou roubar cocadas. As pernas serão trocadas por umas de tartaruga bem lesma, para impedi-lo de “desaparecer veloz pela fimbria do horizonte” quando merecer um bom ponta-pé pedriniano. O rabinho, para ficar mais chique, pode ser feito o de um cachorrinho lulu, dos bem frisadinhos. O nariz (já reparou que porco vive de nariz escorrendo?) terá um lenço automático que de 5 em 5 minutos dê uma limpadela em regra. Que tal? Já é alguma coisa... Ai! Tive uma idéia! Linda! Idéia mãe! Que tal se a Emília pintasse no casco do Quindim a Branca de Neve com todos os anõezinhos em volta e todos os bichinhos também, ao lado do príncipe que a abraçava com um braço e com o outro esmagava a bruxa? Aí o rinoceronte ficava tão lindo, tão lindo, tão tão tão lindo... que aposto que logo surgia uma rinoceronta toda pimpona com olhos de mel... Epa! E se o Quindim tivesse em vez de chifre um flexa do Cupido com um coração assado na ponta? Ah! A pobre da vaca mocha no mesmo instante propunha casamento.(IEB/USP – C1P2C30. s/d).

As reformas sugeridas pela menina são realizadas na aventura ficcional:

A reforma do Quindim, por exemplo, que a Rã fez sozinha, era a coisa mais esquisita que se possa imaginar. Em vez do famoso chifre sobre o nariz, que é característico de todos os rinocerontes, a Rã botou uma flecha de cupido com um coração assado na ponta. Assado, imaginem! E ornamentou os cascos de Quindim com pinturas; Branca de Neve com todos os seus anões.(LOBATO, Monteiro. *A Reforma da Natureza*, p. 232).

__ E o Rabicó, então?- continuou Pedrinho – Está com cauda de cachorro lulu, toda frisadinha, e só com dois pés – e pés de tartaruga. E com uma ratoeira no focinho e lenço automático no nariz!...(LOBATO, Monteiro. *A reforma da Natureza*, p. 243).

A partir do que foi exposto, podemos imaginar que a leitora, por meio das cartas de Lobato, teve conhecimento do enredo da obra previamente a sua publicação, o que a própria data de uma das cartas afirma – a carta é de 1940 e o livro *A Reforma da Natureza* foi publicado em 1941. É, assim, possível, que a correspondência trocada entre a menina e o autor tenha contribuído para a construção do livro.

As cartas de Rã nos levam a pensar que o escritor comunicara à menina pelo menos as linhas gerais do livro e o comentário da leitora, na carta de 10/06/1940, como que antecipa a resposta do público: *Ótima idéia essa da Emília modificando a natureza*. (IEB/USP – C1P2C28).

O caso de Rã é isolado: nem todos os correspondentes de Lobato tiveram suas cartas literalmente incluídas na obra do escritor. Não obstante, esses leitores que figuram nas histórias confirmam que Lobato estava atento aos pedidos e desejos das crianças, para o que certamente contribuíram as inúmeras cartas que recebia cotidianamente de seus leitores e que permitiam ao autor conhecer melhor o público para o qual escrevia.

Bibliografia

LOBATO, Monteiro. *A Barca de Gleyre*. 2º tomo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

_____. *O Picapau Amarelo e A Reforma da Natureza*. Obra Completa. São Paulo: Editora Brasiliense, 1956.

DEBUS, Eliane S. D. *Monteiro Lobato e o leitor, esse conhecido*. Itajaí/Florianópolis: Editora Univali e Editora UFSC, 2004. v. 01. 264 p.

EDREIRA, Marco Antônio Branco. *À caça do sentido – Práticas de leitura de leitores de Monteiro Lobato: um estudo de cartas infanto-juvenis. (1926 – 1946)*. USP, 2003. (dissertação de mestrado) mimeo

NUNES, Cassiano. (org). *Monteiro Lobato Vivo*. Rio de Janeiro: MPM Propaganda: Record, 1986.

VIDAL, Diana Gonçalves. “Práticas de leitura e escrita na escola brasileira dos anos 1920 e 1930.” in *Modos de ler, Formas de escrever: estudos História da Leitura e Escrita no Brasil*. FARIA, Luciano Mendes (org.). Belo Horizonte: Autêntica, 2001.